



## ENSAIO CONTRA O VEGANISMO: POR UMA CRIATIVIDADE POLÍTICA ANTICOLONIAL E ANTICIVILIZATÓRIA

AKUENDA TRANSLÉSBICHA BUARQUE DE SOUZA<sup>7</sup>

DANIEL FIGUEREDO DE OLIVEIRA<sup>8</sup>

**RESUMO:** Esta é uma análise crítica anticolonial do veganismo, entendo-o como uma filosofia política que se beneficia dos processos colonizadores, ensaiando a construção de uma filosofia antiespecista opositora da consideração moral, premissa norteadora do veganismo, pautada por referências culturais dos racializados / colonizados, de modo que retome uma continuidade cosmológica, interrompida pelo apocalipse dos mundos destes povos, pelo processo civilizatório europeu.

**Palavras Chaves:** supremacia branca, veganismo, cosmologias ancestrais.

**ABSTRACT:** This is an anti-colonial critical analysis of veganism, I understand it as a political philosophy that benefits from colonizing processes, rehearsing the construction of an anti-species philosophy opposed to moral consideration, a guiding premise of veganism, guided by cultural references of the racialized / colonized, of a way that resumes a cosmological continuity, interrupted by the apocalypse of the worlds of these peoples, by the European civilizing process.

**Keywords:** white supremacy, veganism, ancestral cosmologies.

<sup>7</sup> Ativista africanista, antiespecista e sexodissidente, cozinheira, trabalhadora ambulante e estudante de ciências sociais da UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

<sup>8</sup> Professor Adjunto do Departamento de Fundamentação da Educação da UFPB - Universidade Federal da Paraíba



*O pensamento do animal, se pensamento houver,  
cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a  
filosofia, por essência, teve de se privar<sup>9</sup>.*

DERRIDA

No Brasil é cada vez mais difícil definir o veganismo, já que ele se encontra em extrema disputa, os conflitos envolvem a conceituação do termo e também sua abrangência. As distintas metodologias e focos dados para sua promoção e propagação carregam consigo a direção e perspectiva que fundamentam a adesão de pessoas ora a uma filosofia política, ora a um padrão de consumo e até mesmo a um estilo de vida.

Embora o veganismo/vegetarianismo difundido a partir de iniciativas punks, anarquistas e autônomas tenha levantado no Brasil o questionamento da exploração animal sob um ponto de vista crítico à objetificação, industrialização e domesticação desde dos meados dos anos 80 do século XX. Na última década do século XXI, uma perspectiva colonialista, liberal e de mercado ganhou visibilidade através do investimento em publicidade, empresas, tecnologia, além de criar seus próprios canais de comunicação para vincular o termo a um padrão de consumo “sustentável” e estilo de vida urbanizado, diferenciado, elitista e racista, protagonizado sobretudo por instituições, coletivos e organizações brancas do sul e sudeste do Brasil.

Já no nordeste brasileiro as agitações em torno desta temática têm buscado articular a luta por libertação animal a partir da experiência dos movimentos sociais, assumindo postura crítica ao capitalismo e localizando o especismo enquanto opressão estrutural, sem reduzir a sua abrangência puramente a um ingrediente, ou produto, mas sim compreendendo-o na relação total, não só de produção, como também de interação, cuidado e respeito com os não humanos.

É neste cenário que revisitamos o contexto que envolve o surgimento do termo veganismo enquanto categoria, localizando racialmente suas referências, métodos, estratégias e narrativas para que possamos dismantelar o colonialismo das filosofias políticas do mundo ocidental que aliena os povos racializados a não buscarem em suas ancestralidades refe-

9 DERRIDA. O animal que logo sou, p. 22

10 Calíli Cavaleiro, Fabiene Verdu e Juliana Marangoni professores da Universidade Estadual de Maringá, fazem um estudo sobre o contexto “transnacional” na expansão do veganismo. CAVALHEIRO ALVES, C.; MARANGONI AMARANTE J. e VERDU, F. Difusão do Vegetarianismo e Veganismo no Brasil a partir de uma perspectiva de transnacionalização. Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo. v.6, n.1, p. 51 - 67, Jan/Jul, 2018



rências e inspirações para seus problemas cotidianos<sup>11</sup>, criados em grande medida pelo projeto expansionista da supremacia branca.

### A Europa branca e o mito fundador

De origem inglesa, profundamente marcado pelo consumo e conseqüentemente fundado em preocupações elitistas sobre estilo de vida<sup>12</sup>, concluímos que localizar branquitude no veganismo é redundante, já que ele nasce como produto de uma população que se beneficiou com o julgamento das experiências de outros povos com os animais não humanos. Classificando práticas nativas e comunais como irracionais, selvagens e primitivas, a dominação colonial e sua verdade urbanística, higienista, cristã, mercantilista e globalista instituiu o apocalipse de vários mundos e suas cosmovisões. Todas estas ações podem ser categorizadas naquilo de Davi Kopenawa vai apontar em sua “crítica xamânica da economia política da natureza” de povo da mercadoria.

*Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos como se fossem belas mulheres. Isso os fez esquecer a beleza da floresta. Pensaram: “Haixopè! Nossas mãos são mesmo habilidosas para fazer coisas! Só nós somos tão engenhosos! Somos mesmo o povo da mercadoria!” (KOPENAWA; ALBERT, 2010, p.407)*

A mesma branquitude, agora herdeira da acumulação capitalista promovida pela domesticação de animais, pelo tráfico atlântico de pessoas pretas e pela industrialização, devolve a solução sobre sua relação com os não humanos, diante uma exploração animal nunca antes experimentada na história da humanidade - e que ela mesma criou - sob a alcunha de veganismo. De Pitágoras à Tom Regan, passando por Sylvester Graham, Tolstoi e Gary

<sup>11</sup> Uma vez que o padrão da supremacia branca foi imposto como universal, não raro se faz uso das filosofias brancas fundadas no centro das disputas sociais, políticas, espirituais e culturais europeias como marco para interpretação da realidade de todos os povos, como o feminismo, o racionalismo, o antropocentrismo, o anarquismo, o comunismo e a ideia de esquerda em geral. Por vezes, as referidas abordagens filosóficas, pouco (ou nada) dizem sobre questões e conflitos que não atravessam os mitos fundadores do eurocentrismo.

<sup>12</sup> Em 1944, Donald Watson decidiu se juntar a outros vegetarianos estritos e rompeu com a Sociedade Vegetariana de Manchester criando o “Non-dairy Produce Group”, este grupo organizou a publicação “The Vegan News”, unindo o começo e o fim do termo vegetariano para criar uma nova categoria. Em 1945 a publicação mudou seu nome para “The Vegan e deu impulso a Vegan Society. Em 1947 a organização defendeu o repúdio ao uso de animais para qualquer finalidade e em 1951 publicou sua definição de veganismo como “a doutrina de que o homem deveria viver sem explorar animais na medida do possível”. Ver COLE, M. “The greatest cause on earth: The historical formation of veganism as an ethical practice”, in “The Rise of Critical Animal Studies: From the Margins to the Centre”, Routledge, 2014.



L. Francione os princípios que envolvem a consideração dos animais não humanos referenciados na história do veganismo perpassa uma pureza higienista, uma religiosidade moralista<sup>13</sup>, e até mesmo um decoro racista que reflete na ascensão de uma arrogância supremacista, implicando na crença de uma superioridade benevolente sobre si mesmo, da mesma forma que os homens brancos europeus se intitularam únicos representantes legítimos do humano.<sup>14</sup>

Isto nos traz uma preocupação fundamental sobre a consideração moral<sup>15</sup> dentro do veganismo, uma vez que ela traz consigo um valor social e um capital simbólico. A associação da morte como algo estritamente negativo, impuro e as reflexões modernas sobre violência que impede não só os seres humanos animalizados, como os próprios não humanos de gestioná-la<sup>16</sup>, nos coloca numa vantagem enquanto espécie supremacista, além de consolidar locais de privilégio que se beneficiam da exploração animal, da alienação de classe e do racismo. Acreditamos que a violência e a morte fazem parte da nossa condição animal e que precisamos mudar a forma de compreendê-las, longe dos marcos da branquitude e da modernidade para que esta relação de poder tão desigual não continue ser perpetuada. Quando começamos e ver o antiespecismo enquanto filosofia política que preza por uma ética de não dominação entre espécies, atentas às possibilidades de resistência e autodefesa, nos deparamos com a impossibilidade de considerá-la pela moral, principalmente em

13 A história da dieta vegetariana abrange culturas e territórios que não fazem parte do panteão cultural clássico do ocidente, como Egito, Índia, Japão e China. Na Grécia e Roma, quando associada a questões religiosas e filosóficas este hábito carregava em si valores morais e de pureza pra quem o praticava, embora também fossem constatados pressupostos da não violência e das relações de parentesco dos não humanos com os humanos, marcantes nas culturas não ocidentais. Segundo Pedro Ribeiro Martins, professor de língua e literatura grega da UFRJ, as reflexões alternativas sobre alimentação vegetariana na Grécia Antiga “tem seu início no século VI a.C. com as práticas órficas e pitagóricas e estende-se até a Escola Neoplatônica com Porfírio de Tiro no século III d.C. Trata-se de um pensamento minoritário, confinado a círculos filosóficos ou a elites e que não permeou o pensamento das camadas mais populares da Antiguidade, mas que manteve uma tradição ininterrupta por quase oitocentos anos”. Ver MARTINS, P. O Vegetarianismo na Antiguidade como Campo de Pesquisa Interdisciplinar. *Mare Nostrum*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 9 abr. 2019.

14 As irmãs Syl e Aph Ko, no excelente “Aphro-ism: Essays on Pop Culture, Feminism, and Black Veganism from Two Sisters”, analisam como o homem branco europeu cunhou a ideia de superioridade racial na animalização do que não é seu espelho: “A hierarquia racial e o racismo, sem falar no pensamento racial que eles geram, foi a nova forma para que europeus brancos ocidentais no período colonial, legal e moralmente, classificassem grupos fora da zona “humana”. Desta forma, os autores desse sistema estavam profundamente interessados numa rígida divisão especista na qual “humano” indicava o domínio da moralidade e da lei, e “animal” era o espaço de ausência do ser e de falta de lei, apontando para uma necessidade de ser controlado, disciplinado e contido pelos “humanos”.

15 Segundo a antropóloga Ana Paula Perrota em entrevista ao IHU On-line em 2019 “(...) o **veganismo**, enquanto um projeto epistemológico, político e individual, é também um projeto moral porque consiste na elaboração do que seria a “boa vida” dos animais e que se faz acompanhada de uma prescrição de práticas fundadas na “ética animalista” - como identificam.” disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/587493-veganismo-por-uma-outra-etica-humana-que-valorize-a-historia-dos-animais-entrevista-especial-com-ana-paula-perrota>

16 Em junho de 2016, o assassinato de Juma, onça-pintada que participou de uma cerimônia olímpica em Manaus, após fugir do centro militar e atacar um soldado que tentava recapturá-la, revela o drama de uma espécie ameaçada de extinção e gera questionamentos sobre a captura de animais selvagens em centros do Exército na Amazônia. Ver em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36584894>



um contexto colonial. Ora, se para Frantz Fanon a cidade do povo civilizado

*é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, com uma cidade sobre seus joelhos. (1991, p.39.)*

Cabe aos subalternizados criar condições e estratégias necessárias para conquistar emancipação e preservar autonomia num contexto supremacista e escravocrata. A morte do explorador, do caçador com arma de fogo ou do *sinhô*, pode representar um avanço fundamental na luta por libertação, isto é, o que faz da morte um problema são as condições políticas supremacistas que determinam quem e de que forma se morre, bem como quem tem poder para matar. Resignificar essa lógica do necropoder é cauterizar a ferida aberta e constantemente inflamada por uma lógica da soberania do colonizador, como atesta Mbembe

*[...] o direito soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá, o soberano pode matar a qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais. Não é uma atividade codificada legalmente. Em vez disso, o terror colonial se entrelaça constantemente com um imaginário colonialista, caracterizado por terras selvagens, morte e ficções que criam o efeito de verdade. (2018, p. 36).*

Para os animais a humanidade é nazista e a heterossexualidade, enquanto regime político e tecnologia que permitiu a superpopulação de humana no planeta, consolida a dominação de uma concepção de humanidade branca, colonialista e ecocida, para construir cidades que se estruturam sobre a expulsão e extermínio de indivíduos e espécies silvestres. Considerar esta premissa, como ativista que tem em sua história a luta sexodissidente<sup>17</sup>, implica reconhecer que a estratégia de universalização e expansão da supremacia branca é uma guerra aos corpos dos bichos e das pessoas racializadas. Desta forma o ativismo por libertação animal que tento construir assume inevitavelmente uma postura anticivilizatória e crítica anticolonial que se inspira ferozmente na capacidade de autodefesa dos animais selvagens, que não por acaso, ainda sobrevivem neste território e são hábeis em devorar e estraçalhar seus próprios caçadores para defender a própria vida. Assim como

17

Da noção de dissidência sexual; corpos que dissidem do regime político sexual heterocentrado e cissexista





uma “TAZ deve ser capaz de se defender; mas, se possível, tanto o “ataque” quanto a “defesa” devem evadir a violência do Estado, que já não é uma violência com sentido” (BEY, 2004, p.5) Devemos criar uma máquina de guerra nômade que canibaliza ideias, corpos e subjetividades colonizadoras com o intuito de defecar sua insignificância, substituindo sua história “brancocêntrica” por uma história a contrapelo, desviante e anticolonial.

### **Se não puder matar meu algoz não é minha revolução**

Em Recife, a construção do Porto de Suape provocou uma instabilidade ecológica nunca antes vista no litoral de Pernambuco e nordestino, o desequilíbrio ambiental resultante de sua instalação é consensualmente referido por especialistas e autoridades como fator decisivo para os ataques de tubarão nas orlas de Recife a partir da década de 90<sup>18</sup>. O Brasil é o quarto país do mundo em número de ataques, desde que os dados começaram a ser compilados pelo *International Shark Attack File*. Dos 102 ataques contabilizados, o lugar com o maior índice é a faixa de costa das praias do Grande Recife. Oficialmente, há 65 ocorrências na região, sendo 25 fatais.

Embora o especismo sempre nos forneça um menosprezo e uma subestimação aos não humanos, a ciência antropocêntrica já confirma que o comportamento de ataque destes animais marinhos não pode ser analisado apenas pelo seu lado selvagem ou instintivo. Alguns estudos têm apontado que diversas espécies de tubarões demonstram habilidades para resolução de problemas, competência social e curiosidade, sabe-se ainda que os tubarões são capazes de praticar atividades lúdicas, como é visto em cetáceos e primatas. Além disso, a relação entre as massas corporais e cerebrais dos tubarões é semelhante à dos mamíferos e outras espécies de vertebrados de organização biológica mais complexas, apesar de serem menor do que a dos humanos<sup>19</sup>.

Em agosto de 2014, o repórter da TV Globo, Francisco José, realizou uma reportagem<sup>20</sup> com a presença do professor Fábio Hazim, do Departamento de Pesca e Aquicultura da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A reportagem convida os telespectadores a um mergulho com as mesmas espécies de tubarões que habitam o litoral pernambucano, para entender o porquê delas atacarem nas praias de Recife e não nas Bahamas. Aliás,

<sup>18</sup> MPPE diz que supressão de mangue em Suape afetou fauna marinha: Inquérito de promotor do Meio Ambiente relaciona porto a últimos ataques. Ver em

<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/10/mppe-diz-que-supressao-de-mangue-em-suape-afetou-fauna-marinha.html>

<sup>19</sup> Ver mais em <https://www.sharks-world.com/shark-behavior/> e [https://www.sharks-world.com/how\\_big\\_is\\_the\\_shark\\_brain/](https://www.sharks-world.com/how_big_is_the_shark_brain/)

<sup>20</sup> Matéria do programa Nordeste Viver e Preservar disponível no Globoplay: <https://globoplay.globo.com/v/3552872/>



não só na Bahamas é possível nadar junto com os tubarões, no arquipélago de Fernando de Noronha, não raro, grupos de mergulhadores e nativos encontram cardumes da espécie e esta convivência possibilita uma compreensão sobre o comportamento do peixe e uma interpretação de quando o animal demonstra intenção de ataque ou não<sup>21</sup>. A atividade turística na ilha também explora informalmente a espetacularização da caça dos tubarões às sardinhas, onde filhotes encurralam suas presas na parte mais rasa da praia. O ataque final comumente é registrado e filmado pelos equipamentos de turistas deslumbrados.

De modo geral, as conclusões sobre os ataques destes animais marinhos contra os humanos na reportagem, não levam em consideração que a maioria significativa não são para necessidades alimentícias, uma vez que o ser humano não é a presa ideal para a espécie. Os tubarões preferem animais menores no qual tenham que gastar menos energia no ataque, os bichos marinhos apenas destroçam o corpo das vítimas humanas e não se alimentam delas<sup>22</sup>. Foi ainda desconsiderado o fator que reconhece a inteligência dos tubarões e sua capacidade de compreensão e interpretação sobre as violências que foram vítimas, bem como a sua habilidade combativa depois de uma inquestionável ação predatória. Levanto perspectiva dos ataques dos tubarões no litoral da capital pernambucana serem experiências de resistência exitosa, onde certamente, através de seus próprios sistemas de comunicação - apesar de solitários também possuem convivência social - conseguem interpretar os riscos trazidos pela humanidade e conseqüentemente se insurgir contra eles. Se os humanos e seu desenvolvimentismo ecocida destruíram o habitat dos tubarões, é por bem ressignificar a existência ocupando novos territórios, destruindo o turismo e o cartão-postal da capital.

Neste sentido o ataque é uma forma de produzir para si um novo espaço de existência, uma fronteira que foi criada como mecanismo de revide e sendo reinterpretada como uma membrana socialmente entendida como violência do subalterno. Ela difere da violência do estado por produzir uma subjetividade que desterritorializa o *ethos* da existência como tentativa de sobreviver para um eixo da criação da vida. Um novo mapa que congrega esferas imagéticas, mas que por outro lado provoca o medo real de que os colonizadores não

21 O próprio Fabio Hazim, na mesma matéria, explica que as espécies cabeça-chata e tigre se alimentam de animais de menor porte, uma vez que animais maiores como os seres humanos, podem representar um gasto maior de energia para caça.

22 Geni Nuñez, guarani, ativista antiespecista e psicóloga nos ilustrou com lucidez e concisão como opera psicologicamente a hipersexualização dos corpos racializados fazendo um bom paralelo com o deslocamento de recusa apontando por Grada Kilomba no ensaio “A Máscara” traduzido para o português pela também antiespecista e pesquisadora afrodiásporica Jess Oliveira (disponível em <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286/112968>), no qual aponta como a branquitude inverte seus desejos e acha que é muito desejada pelos colonizados enquanto é ela quem inveja-os e deseja-os a todo tempo, escondido. A fantasia do canibalismo em relação aos indígenas, também toma um lugar semelhante no desejo. De modo correspondente, quem busca a matança dos tubarões são os humanos e não o contrário, como é romantizado e espetacularizado nos filmes estadunidenses, da série Tubarão.



estão sozinhos e não podem, em hipótese nenhuma, se sentirem seguros.

### Quilombos, tekoá, coméias e tocas não são cidades

Baseadas em cosmovisões de povos originários de Pindorama, *Aby Ayala*<sup>23</sup> e África, e como ativista que tem na sua história a propagação do termo veganismo descolonial, estamos revisitando nossas verdades e refletindo sobre o que grupos e indivíduos veganos vem construindo, sob os fundamentos da consideração moral, padrão de consumo e estilo de vida que, para nós, são herdeiros e colaboradores da colonialidade e branquitude que o termo carrega. Estamos primeiramente pautando esta ideia como uma filosofia política que busca um nome e um outro termo que represente muito mais um antiespecismo inspirado no resgate das concepções e práticas *Yorùbá*<sup>24</sup> e *Wuyjuyu*<sup>25</sup>, por exemplo, de relação com os não humanos, sem perder de vista os valores e princípios de solidariedade, apoio mútuo entre as espécies, abolição de instituições hierárquico supremacista e a objetificação de corpos para necessidades civilizatórias, que, a partir do anarquismo, inspiraram e permitiram esta trajetória.<sup>26</sup>

Entre os Yorùbá, existem alguns aspectos, que demonstram relativa horizontalidade entre animais humanos e não humanos, apesar da colonização ter aculturado<sup>19</sup> esta etnia desde o sequestro transatlântico no século XVI até meados do século XX. Diferentemente das religiões abraâmicas, Olorum ou Olodumare, entidade suprema na cosmovisão Yorùbá não assume forma humana, mas representa um estado de existência, sem ter gênero e forma única atribuída<sup>27</sup>. Olodumare criou os orixás que são representados pela forma humana, animal e pelos elementos da natureza para lidar com tudo que fica no àiyé (terra). O cosmos Yorùbá está cheio de interpretações religiosas-metafísicas de animais, sendo estes tão produtos da criação quanto os humanos. Alguns animais são considerados sagrados e não podem ser mortos, nem comidos como os abutres, os calaus, os papagaios, e os bú-

23 Pindorama é o nome que os povos andinos e populações indígenas dos pampas davam ao território tomado pelo Estado brasileiro. Já Aby Ayala ou Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América.

24 Povo da África Ocidental presente na Nigéria, Benin, Gana, Togo, Serra Leoa, Cuba e Brasil

25 Popularmente conhecidos por Mundurukú, os historicamente famosos ‘cortadores de cabeça’, autodenominam-se Wuyjuyu. O nome “Mundurukú” foi dado pelo grupo rival Parintintins e significa “formigas vermelhas. É uma referência ao ataque em massa que costumavam realizar sobre seus inimigos.

26 A domesticação, a caça e a sacralização também estão presentes em culturas dos povos originários e africanos, contudo, o objetivo ao fazer este resgate não diz respeito a voltar no tempo nem romantizar sua cosmologia, mas sim entender que nos princípios norteadores da vida destes povos, podemos encontrar símbolos e valores que nos permitem desenvolver e criar uma prática sob uma ética política que não só referencie nossa ancestralidade, mas combata a universalização de um tipo de mundo marcado pelo extermínio, enquanto estratégia de dominação da supremacia branca.

27 Através de Bolaji Idowu, cristão e pastor da Igreja Metodista da Nigéria, temos acesso aos escritos que representam os primeiros registros instrumentais da espiritualidade Yorùbá a partir de um ponto de vista de um africano, embora o resultado seja influenciado pelo cristianismo seu relato sobre Olorum evidencia um tipo de força divina não simétrica com a concepção cristã.





falos, que representam a orixá Oyá. Outro ponto de ênfase com relação a interação profunda entre bichos e humanos se aplica particularmente a nomeação de crianças e bichos domesticados. Para eles este ato é um importante ritual que consolida a visão de mundo Yorùbá e deve ter por escolha nomes que remetam a uma situação ou circunstância que cercam seus nascimentos<sup>28</sup>. Também se destaca a crença Yorùbá na transmigração de espíritos humanos nos corpos dos animais: insetos, pássaros, cabras, veados etc.

Para além de um princípio antropomórfico, a experimentação ancestral revela atravessamentos cortantes que os povos racializados são expostos por uma lógica do necropoder. Talvez, o encantamento seja uma possibilidade de desalojar a colonialidade e produzir novas existências como experimentações anticivilizatórias

*[...] o encanto é bem mais que um truque simbólico, ele é um feitiço que enreda o vivente ao viver. O viver não faz sentido, mas o vivente é o sentido mesmo da vivência; o mundo não tem um sentido, mas muitos; o sentido é o próprio gerúndio do existir e, existindo, o encanto do existir fera um regime de signos que multiplica o feitiço em magia, a magia em encanto, o encanto em atitudes, as atitudes em relações de alteridade que se alojam no útero do mistério (OLIVEIRA, 2007, p. 197)*

Embora a religião e espiritualidade revelem evidências de princípios interativos horizontais acerca da relação do povo Yorùbá com os animais não humanos, - sem deixar de atentar suas contradições - as expressões artísticas oferecem um farto conteúdo para interpretação desta relação, uma vez que os bichos são reverenciados em músicas, poesias, contos, cantos e louvores. A produção cultural deste povo acaba por explicitar que os animais, assim como os humanos, são capazes de sentir dor, prazer, alegria, medo, além de serem dotados de sagacidade e inteligência, trazendo a narrativa que seus sentimentos e caracteres, devem ser respeitados, mesmo em situação de conflito com os humanos.<sup>29</sup>

Já para os *Wuyjuyu*, povo indígena presente majoritariamente nos estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, suas expedições guerreiras culminavam em rituais para *putxa xi* (espíritos-mãe), que protegem os animais de caça, da roça e os peixes dos abusos e violências cometidos pelos seres humanos. As *putxa xi* vivem em lugares específicos e que, por isso, protegem esses lugares e seus coabitantes. Este povo evoca a noção de que cada animal possui um espírito protetor (e perigoso) capaz de vingança, de causar doenças e de roubar almas, talvez por isso mamíferos e aves nomeiam os clãs desta etnia. Alguns homens

<sup>28</sup> Ajibade, G. O. (2006). Animals in the Traditional Worldview of the Yoruba. *Folklore*, 10(30), 155-172

<sup>29</sup> Owoseni, A. O., & Olatoye, I. O. (2014). Yoruba ethico-cultural perspectives and understanding of Animal Ethics. *Journal of Critical Animal Studies*, 12(3), 97-118



e especialmente as mulheres são exímias na confecção de colares com figuras zoomorfas (peixes, tracajás, gato do mato, jacaré etc.) esculpidos com sementes de inajá e tucumã, revelando o apreço que este povo tem pelos não humanos. Semelhante aos Baniwa do rio Negro, os *Wuyjuyu* também possuem um vasto conhecimento sobre o comportamento de animais específicos<sup>30</sup>.

A importância de resgatar essas cosmologias, é trazer para o debate público noções sobre relação humano-animal por uma economia política anticolonial e anticivilizatória que conceba: 1) os enquadramentos não ocidentais de ética animal, 2) os cenários culturais dos povos não brancos e 3) visibilizar entendimentos filosóficos e tradicionais das relações entre espécies que se expressam não só pela espiritualidade, mas também através de provérbios, práticas, lendas, adágios e artesanato, que devem ser levados em consideração para localizar o projeto de expansão da supremacia branca como marco que sofisticava, consolida e impõe o especismo enquanto tecnologia civilizatória. O entendimento político-etnológico dos povos racializados, nos sugere que o que é chamado de superstição pela racionalidade branca em relação a animais não humanos, é fundamental para um não exercício de poder supremacista e colonizador entre espécies, como também contribui com o debate global acerca da ética e libertação dos animais, que leve em consideração as diferenças culturais<sup>31</sup>.

### **Abandonar o veganismo**

Embora o debate sobre antiespecismo esteja defasado nos ativismos e grupos veganos no Brasil, - realizado por veganos abolicionistas, tem mostrado o quanto trazem esta abordagem de forma racista e elitista - é nítido que a prática política revela por um lado uma grande confusão e por outra uma profunda decepção com termo veganismo. De maneira geral, a movimentação política em torno do vegetarianismo, dos direitos animais e do antiespecismo, em vez de indicar uma afinidade e pluralidade tem materializado conflito e desencontros. Para quem veio de uma formação anarquista, o veganismo deveria ser uma filosofia política que objetiva a luta por justiça social, reconhecendo os direitos animais a partir de uma ótica antiespecista e por consequência anticivilizatória. Porém reconhecemos com lástima que o veganismo tem sido lamentavelmente sobre consumo, desde seu início. A existência de críticas e oposições contundentes à lógica de mercado capitalista, não desencadeia o empenho com a elaboração de estratégias de combate contra situações de exploração e violência animal no cotidiano com o mesmo vigor que se organiza feiras

<sup>30</sup> Ver mais em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

<sup>31</sup> Geni Nuñez reforça este argumento refletindo como “a ideia de segurança pública, marcadamente genocida, também orienta a segurança que humanos querem ter diante do risco de serem mortos por outros bichos. Os povos da mata cujos corpos estão numa cena de serem tanto caçadores quanto caça estabelecem uma horizontalidade que o modo de vida das cidades praticamente impossibilita”.



e congressos. O cenário ainda é pior quando muitos não legitimam como relevante - ou compromisso vegano - o trabalho de resgate e apoio às iniciativas que realizam assistência contra o abandono, de cuidados pelas enfermidades e de reintrodução que os animais não humanos estão expostos na urbanidade.

As pautas que o ativismo institucional por direitos animais vem priorizando no Brasil propõem uma criminalização que atinge principalmente pessoas negras, blindando a elite agropecuária, a polícia, os institutos de pesquisa, os zoológicos, a indústria alimentícia e farmacêutica, acreditamos que a defesa desta direção não é pelos animais e sim contra alguns tipos de pessoas que representam o atraso, o selvagem e a própria ideia de animalidade como atraso civilizatório.

É inegável que o veganismo tem operado enquanto estratégia de sofisticação do racismo e do capitalismo e que a branquitude vem usando-o como arma para criminalizar setores da sociedade que, embora protagonizem relações de abuso e violência, são os que menos se beneficiam da exploração animal a nível estrutural. Também tem apoiado grandes corporações em seus projetos de alienação mercadológica e sintetização de alimentos e rotulando-os como veganos. Muitas atividades laborais executadas por pessoas negras, indígenas e pobres que exploram animais acontecem num limiar de precariedade e garantia de sobrevivência, que não seriam necessárias ou fariam sentido caso houvesse condições de vida minimamente dignas com acesso à alimentação, transporte, educação, moradia e saneamento básico.

O veganismo que deve ser defensável levanta igual importância as práticas de **boicote** aos produtos de origem animal, de **combate** à exploração animal e de **cuidados** aos animais em situação de vulnerabilidade. Como filosofia política, não creio que é possível construir um movimento de forma sectária com foco puramente no boicote, esta escolha negligencia as agressões e ignora que a violência vai continuar acontecendo independente da sua escolha individual. O veganismo se tornaria pedagógico, politicamente ofensivo e transformador se aliasse estes três eixos como parte de suas estratégias de propagação e estruturação. Não existe oposição política concreta quando o veganismo se torna apenas uma disputa de sobre o tipo de mercado estabelecido pelos marcos da branquitude urbanizada.

É uma falsa polarização entendê-lo a partir de quem compra do MST<sup>32</sup> ou na Subway<sup>33</sup>, as ações nesta perspectiva apenas direcionam a luta para construção de grandes eventos que se tornarão plataformas publicitárias de estilo de vida alternativo seja artesanal ou industrial, com grande apelo de acumulação de capital simbólico. Desta forma há a necessidade de uma economia política anticolonial e anticivilizatória que produza mecanismos de

32 Movimento dos trabalhadores sem terra.

33 Rede de fastfood.



superação das desigualdades sociais e da subjetividade higienizada da branquitude. Para isso uma nova filosofia política da animalidade como resgate de uma metafísica do bicho, do selvagem, do encantamento como descolonização do imaginário colonial.

Ao passo que estamos os movimentos estão repensando suas questões e criando seus próprios processos, cabe fazer uma oposição contundente e firme, além de confrontá-los com seus conceitos, para que esta filosofia política, que denuncia a supremacia de um tipo específico de humano em detrimento da desumanização e subjugação de absolutamente tudo que não seja seu espelho, não se universalize, homogenize e apague todas as outras infinitas experiências possíveis. Se por um lado é necessário boicotar o veganismo pela sua historicidade e conjectura liberal, branca e urbana, por outro é prudente disputar ele estrategicamente para que esta visão elitista e colonial do mundo seja atacada, não se imprima como marca inquestionável e principalmente para evidenciar desacordo argumentativo, filosófico e político entre pares. A disputa é uma maneira de confrontá-los e ameaçar sua arrogância, prepotência e destruir suas verdades absolutas. Ao mesmo tempo, é muito importante resgatar cosmologias para criarmos nossos próprios conceitos, com atenção especial às contradições, rejeitando a exotização e impedindo que localizem as experiências de outros povos no campo da pureza e do deslumbre do “bom selvagem”. Para isso, relativizar a consideração moral é importantíssimo.

### **Considerações Finais**

A pauta da libertação animal foi assimilada e apropriada pelo mercado, desta forma a responsabilidade ativista é tensionar a radicalização, estimular a capacidade criativa e intelectual dos movimentos, articular novas redes e abandonar o veganismo para que não tenhamos mais que defender o indefensável e principalmente para que possamos trazer as cosmologias ancestrais acima de tudo e fincar a supremacia branca abaixo de todos que aqueles humanos e não humanos que ela não conseguiu exterminar.

Considerando o quanto a universalidade imposta na construção do mundo moderno e herdeira direta dos processos de colonização que exterminou outras formas de ver, entender e estar no mundo, foi nefasta para a propagação de cosmovisões que só agora estão sendo resgatadas, a fim de retomar um processo de continuidade interrompido pelas ambições da supremacia branca, acredito que devemos não só nos opor, mas sobretudo rejeitar princípios epistemológicos que tem base na cumplicidade do genocídio, animalicídio e epistemicídio promovidos pelos sistemas de saber brancos.



Desta forma embora seja pontualmente estratégico disputar o termo veganismo e associá-lo a um caráter emancipatório, ele só será concretamente disruptivo ao se pautar por outras perspectivas que permita destruí-lo, afinal, a assimilação também é estratégia de apagamento da supremacia branca e serve aos interesses do colonialismo de modo que consolida a hegemonia de um pensamento usurpador em detrimento do desaparecimento do que inspirou sua construção.

## Referências

AJIBADE, G. O. Animals in the Traditional Worldview of the Yoruba. *Folklore*, 10(30), 155-172. 2006

BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2004.

CAVALHEIRO ALVES, C.; MARANGONI AMARANTE J. e VERDU, F. Difusão do Vegetarianismo e Veganismo no Brasil a partir de uma perspectiva de transnacionalização. In *Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo*.

COLE, M. “The greatest cause on earth: The historical formation of veganism as an ethical practice”, in “*The Rise of Critical Animal Studies: From the Margins to the Centre*”, Routledge, 2014.

FANON, Frantz. *The wretched of the Earth*, traduzido por C. Farrington. New York: Grove Weidenfeld, 1991: 37- 39.

IDOWU, B. Olódùmarè: *God in Yoruba Belief*. Ibeja, Nigeria: Longman.

KO, Syl e Aph. *Aphro-ism: Essays on Pop Culture, Feminism, and Black Veganism from Two Sisters*

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Ancestralidade e Encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014

MARTINS, P. O Vegetarianismo na Antiguidade como Campo de Pesquisa Interdisciplinar. *Mare Nostrum*, v. 10, n. 1, p. 1-9, 9 abr. 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da mor-*





te. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OWOSEN, A. O., & OLATOYE, I. O. Yoruba ethico-cultural perspectives and understanding of Animal Ethics. *Journal of Critical Animal Studies*, 12(3), 97-118. 2014.

